

Apresentação

Os ‘Nomes’ ou ‘Atributos’ divinos são apresentados em várias tradições. Em geral definem qualidades atribuídas a Deus que podem ser invocadas e vivenciadas em práticas específicas. No Sufismo são considerados 99 desses Atributos, também chamados de Os Mais Belos Nomes de Deus. Esses Nomes foram apresentados e discutidos um a um por Al Ghazali¹ (entre outros autores) e por isso eles não serão apresentados aqui.

O presente texto discute o significado mais geral desses Nomes. Ele é baseado em um trecho de um livro² de autoria de Willian Chittick, atual professor da Universidade de Nova Iorque e estudioso da obra de Ibn Arabi. Ibn Arabi nasceu na Espanha no século 12 e foi posteriormente viver na Pérsia. É considerado um dos maiores filósofos de todos os tempos, e suas obras são até hoje, fontes de inspiração e referências importantes tanto para o oriente quanto ocidente³.

OS NOMES DIVINOS

Chamei a atenção para o fato que formas e locais de manifestação são véus sobre as realidades às quais eles são atribuídos, e que os efeitos são as realidades por trás dos locais de manifestação. Assim, a forma da mão e dos dedos são véus sobre as realidades dos Nomes Divinos que causam os efeitos⁴.

Al-Qunawi (aluno de Ibn Arabi)

Nomes, atributos e relações

De acordo com Ibn Arabi, a Presença Divina é composta por Essência, Atributos Divinos e Atos Divinos. Os Atos seriam a criação em si, ou seja, cada coisa criada corresponde a um Ato divino. Já os Atributos são os Nomes de Deus e corresponderiam ao istmo (*barzakh*) entre a Essência e os Atos divinos, ou seja, entre sua Essência e cada elemento que compõe a criação. Assim, os Nomes preenchem o espaço entre essência e criação, estabelecendo entre ambos uma relação. Para compreender essa ideia central, é necessário considerar o que segue abaixo.

1) Os nomes dos Nomes

As palavras utilizadas para se referir aos Nomes não são os Nomes propriamente ditos, mas os ‘nomes dos Nomes.’ Segundo a tradição, essas palavras foram reveladas ao profeta Maomé e compiladas no Corão, e consistem na forma externa desses Nomes. No entanto, os Nomes têm também um significado próprio que consistiria na vida por trás da forma externa conferida pelas palavras, e que corresponderia ao conhecimento que Deus tem de si mesmo (sua Essência) e de sua criação. Assim, os Nomes possuem uma realidade dual: por um lado,

¹ O texto está disponível em http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/atributos_gazali.pdf

² “*Ibn-Arabi’s Metaphysics of Imagination: The sufi path of knowledge*” de autoria de Willian C. Chittick (University of New York Press, 1989). Esse texto é baseado no subcapítulo “*The Names of God.*”

³ Ver biografia de Ibn Arabi em http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/biogr_ibnarabi.pdf

⁴ “*I have just called attention to the fact that forms and loci of manifestation are veils over the realities to which they are ascribed, and that effects being to the realities hidden behind the loci of manifestation. So the form of the hand and the fingers are veils upon the realities of the Divine Names which cause effects.*”. Fonte: http://www.ibnarabisociety.org/articles/hadith_commentary.html

eles são as palavras que nomeiam a Deus e que foram reveladas nas escrituras, e por outro, são manifestações do conhecimento divino.

Para explicar esse ponto, Ibn Arabi usa a seguinte analogia. Para ele, o ato de criar o universo é uma consequência e expressão de um dos Nomes divinos, O Misericordioso (*al-rahman*), pois a criação nada mais é que uma expressão direta da misericórdia de Deus. À medida que o Misericordioso cria os elementos que fazem parte da criação, ele exala Seu Sopro junto com as palavras com as quais Ele os nomeia. Assim, esse Sopro conteria Seu espírito ou vida e adotaria as formas diversas da criação. Da mesma forma, cada Nome tem uma forma externa (a palavra que é usada para expressá-lo) e uma vida interna, que consiste no Sopro divino. Assim, esse espírito de cada elemento criado existe dentro do Misericordioso, e consiste no conhecimento que Deus tem do elemento, um ponto que será enfatizado mais adiante. Note que para Ibn Arabi, cada elemento criado é um aspecto do próprio criador. Assim o conhecimento que Deus tem das coisas corresponde ao conhecimento que Ele tem de Si, como demonstra o trecho abaixo:

“Cada Nome tem duas formas. Uma forma está dentro de nós, em nossa respiração e nas letras que combinamos. Esses são os nomes através dos quais nós O chamamos. Eles são ‘os nomes dos Nomes’ e são como mantos que recobrem os Nomes. Porém, os Nomes divinos assumem outro tipo de forma dentro do sopro do Misericordioso. Por trás dessas formas estão os significados que são como espíritos destas formas. As formas dos Nomes divinos, através dos quais Ele nomeia a Si Mesmo, são a existência dessas formas dentro do Misericordioso.” (Ibn Arabi).

2) Relações

Os Nomes não são criaturas ou entidades existentes e individualizadas. Eles são relações, atribuições que estão entre Deus e a criação. Em cada ponto onde um Nome é colocado, uma relação pode ser vista entre o Nomeado e aquele que recorda do Nome. Por exemplo, dois dos Nomes divinos são: o Guia (*al-hadi*) e o Beneficente (*al-munin*). Para alguém guiado no caminho reto, Ele é o Guia (*al-hadi*). “Uma vez que Deus criou a criação, nós podemos contemplar vários níveis e realidades. Cada uma delas demanda uma forma específica de relação com Ele.” (Ibn Arabi).

Assim, quando se considera os Nomes como relações, fica claro o fato de que eles não são entidades existentes, seja dentro da criação (as coisas criadas) ou fora dela (Deus em si mesmo ou a ‘Entidade’ nomeada pelo nome). Eles devem ser entendidos como qualidades não existentes que estabelecem uma ponte entre criador e criação. Por isso diz-se que eles são vários, pois existem várias formas dessa relação se estabelecer, como será demonstrado no item seguinte.

3) As duas dimensões dos nomes

Cada Nome denota duas realidades: a Essência divina e a qualidade específica do próprio Nome, que o distingue dos outros Nomes divinos.

“Os nomes dos Nomes são diversos apenas por causa da diversidade de seus significados. Se não fosse por isso, nós nunca seríamos capazes de distingui-los um do outro. Eles são um só aos olhos de Deus, mas muitos aos nossos olhos. Assim é dito que cada nome denota tanto a Essência quanto sua própria realidade. O Nomeado é um, mas cada Nome é diferente considerando-se sua própria realidade.” (Ibn Arabi)

Assim, se o Nome for considerado como uma expressão do Sopro divino, resultado de Sua Essência, eles serão sempre Um e Único. Mas quando são considerados como formas de relação com os elementos da criação, eles são muitos e diversos.

4) Realidades, raízes e suportes

Frequentemente, Ibn Arabi usa a palavra ‘realidade’ como um sinônimo para ‘Nome.’ A realidade seria a expressão da relação particular que a Essência divina assume com as criaturas. Essa relação pode ser especificada por um nome revelado, e neste caso, o nome denota a realidade. Estritamente falando, a realidade é então, o próprio nome.

“Não há nada que exista como algo criado que esteja desconectado das relações e realidades divinas conhecidas como os Mais Belos Nomes. Portanto, cada coisa criada está no domínio de uma realidade divina. Cada realidade divina tem uma propriedade dentro da criação que não pertence a qualquer outra. Essas realidades são relações. Por exemplo, o Sábio tem uma relação de conhecimento com a realidade, e o Poderoso tem outra relação [de poder]. Além disso, a situação do objeto em respeito a ser um objeto de conhecimento é diferente da situação de ser um objeto de poder.” (Ibn Arabi).

Tudo na criação pode ser traçado de volta às realidades divinas ou nomes. Ibn Arabi frequentemente também se refere à realidade como uma ‘raiz’ ou ‘suporte’ e fala dos fenômenos deste mundo como sendo ‘suportados’ pelos Nomes. Realidade, raiz e suporte podem às vezes, ser empregados como sinônimos para os Nomes divinos.

“Não há nenhuma propriedade na criação sem um suporte e atributo divinos. A raiz da existência na criação é propriedade dos Nomes divinos, e nada mais. Este é seu suporte divino. Deus fez cada um dos quatro elementos tanto o produtor de efeitos quanto o receptáculo dos efeitos.” (Ibn Arabi). O próprio ‘momento presente’ é definido como sendo um resultado constante dos Atributos divinos. Ou seja, tudo o que existe a cada momento (a realidade *per se*) tem como fundamento e suporte, os Nomes divinos.

Realidades, raízes e suportes são todos reduzíveis a coisas e situações conhecidas por Deus, isto é, eles são os objetos de conhecimento divino. “Se não fosse por esta raiz divina, e pelo fato de que Deus a possui em si mesmo, a realidade não poderia ser engendrada na criação, uma vez que seria impossível existir algo cuja forma não fosse suportada por uma realidade divina. Se tal coisa existisse, ela estaria isolada do conhecimento divino. Ele conhece as coisas apenas através de Seu conhecimento de Si mesmo, e Seu Self é o Seu conhecimento. Em Seu conhecimento nós somos como formas em uma nuvem de poeira.” (Ibn Arabi). Assim, à medida que ele conhece as coisas que Ele cria e nomeia e que compõem a realidade, Ele conhece a Si mesmo.

Uma vez que o conhecimento de Deus é idêntico a sua Essência e esta não muda, as realidades e as raízes também não mudam. Elas representam a real forma como as coisas são, ou seja, como elas são conhecidas por Deus. Assim cada elemento da natureza tem uma expressão externa mutável e uma vida interna imutável, representada pelo Sopro divino revestido em uma forma individualizada. E é este último aspecto que é conhecido por Deus, ou seja, Deus conhece sua criação à medida que reconhece a Si mesmo, ou à sua própria Essência. E através desse processo atemporal de aquisição de conhecimento, a criação é mantida viva.

5) Propriedades e efeitos

Os nomes são um estágio intermediário entre Deus e o universo. Embora eles não tenham existência separada de Deus e não possam ser entendidos corretamente exceto como relações, eles nos oferecem um meio de abraçar as conexões existentes entre o homem e Deus. Na terminologia de Ibn Arabi, eles são o *barzakh*, o istmo entre Deus e o universo. “Os nomes divinos são o *barzakh* entre nós e o Nomeado. Eles olham de volta para Ele uma vez que O nomeiam, e eles olham em nossa direção uma vez que nos concedem efeitos atribuídos ao

Nomeado. Assim eles tornam o Nomeado conhecido, e tornam a nós, conhecidos também.” (Ibn Arabi).

Ibn Arabi aplica dois termos quase como sinônimo para se referir à maneira na qual os Nomes estão refletidos no universo: efeitos e propriedades. O sentido literal de ‘efeito’ é aquilo que permanece, o traço, a marca, o sinal e vestígio. Já a palavra ‘propriedade’ é empregada com um sentido de julgamento e decisão, significando o poder e o controle exercidos pelos Nomes no universo. Assim, os efeitos e propriedades dos Nomes consistem nos fenômenos do universo, ou seja, eles são as criaturas, as entidades, as formas, e são assim consideradas, pois tornam os Nomes manifestos. Assim, ver as propriedades e efeitos é ver os Nomes e a realidade exercendo sua influência e determinando a natureza do universo. E ver os Nomes e a realidade é ver a manifestação da Essência em si.

“Nenhuma propriedade se torna manifesta na existência sem uma raiz em um aspecto Divino, através do qual ela é suportada. O ‘suporte divino’ está no fato de que os Nomes divinos são o suporte para os *loci* (locais) onde seus próprios efeitos existem. Se não fosse pelas coisas possíveis [de virem à existência], nenhum efeito dos Nomes divinos se tornaria manifesto. [...] Seria impossível que houvesse a Benevolência sem que houvesse algo que pudesse ser digno dela. Assim é dito ‘Tudo é aniquilado menos Sua Face.’ E também, ‘A ele pertence a propriedade,’ que é o que se torna manifesto dentro das coisas. E também é dito ‘Para Ele, tu deverás retornar.’ Em outras palavras: você irá retornar, depois de ter sido o ‘outro’, para Ele. A propriedade de ser ‘outro’ passará, uma vez que não há nada na existência além Dele.

“Se não fosse pelos Nomes, nós não teríamos medo, esperança, nós não teríamos nada a oferecer, adorar, ouvir, sentir. Nós não seríamos chamados e nem poderíamos chamar pelos Nomes. Se não fosse pelas propriedades que eles contêm, você não poderia conhecê-los. As propriedades dos Nomes os embelezam, e os vestem em esplendor, da mesma forma que os Nomes embelezam o Nomeado e o cobrem de esplendor. Através de nós, os Nomes são designados, e assim nós O recobrimos de esplendor. Dentro Dele, os Nomes se tornam manifestos e então, o esplendor subsiste Nele, pois Ele é o Nomeado.

“O Nome divino é o espírito de seu efeito, enquanto que seu efeito é sua forma. A visão não pode ver o Nome, e sim, apenas seu efeito. Assim quando uma pessoa vê a forma corporal de alguém chamado José, ele pode corretamente dizer que viu José, muito embora José tenha um espírito governante [interno] cuja forma [externa] é a corporalidade de José. Assim, os efeitos dos Nomes divinos são as formas dos Nomes. Aquele que testemunha⁵ as formas diz corretamente que testemunha os Nomes. Nada é trazido à existência sem que seja encontrado dentro dele os efeitos dos Nomes divinos.” (Ibn Arabi).

De acordo com o início dessa última citação, fica evidente ser impossível que os efeitos desses Nomes fossem encontrados no interior Dele, ou que Ele fosse o *locus* (receptáculo) desses efeitos. Pois, como sugere o texto, Ele é o Benevolente em relação a quem? Assim pode-se dizer que o “criador exige com que as coisas sejam criadas, da mesma forma que as coisas criadas exigem o criador” (Ibn Arabi). Portanto, o universo necessariamente deve vir à existência continuamente, uma vez que as realidades divinas assim o exigem.

No entanto, apesar das múltiplas facetas da realidade e de seus muitos Nomes, Deus permanece como sendo a unidade que a tudo engloba. “Deus é ‘muitos’ em respeito as Suas propriedades. Ele possui os Mais Belos Nomes, e cada Nome é uma marca sobre uma

⁵ A palavra “testemunha” é usada dentro desse contexto de forma bem específica. O ato de testemunhar é considerado como uma habilidade perceptiva específica de alguém que está desperto. O testemunhar implica em realmente ver a realidade e não ver os véus causados por suposições e inferências condicionadas. Apenas estando livre da visão subjetiva causada pelo estado de quase inconsciência, no qual a atenção é escrava de devaneios e visões pessoais e subjetivas da realidade, é que o ato de testemunhar se torna possível.

realidade inteligível que é diferente das outras realidades. Quando o universo vem da não existência para a existência, suas faces são muitas, embora o Nomeado seja Uno. Da mesma forma, o universo é um, mas em relação as suas propriedades e indivíduos, ele é muitos.” (Ibn Arabi).

Os Nomes da Existência Engendrada

As coisas engendradas são aquelas que existem, ou seja, os Atos divinos, as criaturas que foram trazidas à existência pelo comando ‘seja!’⁶ (*kun*). Muitos nomes são atribuídos a elas. Cada substantivo que denota algo criado é o nome de algo existente. No entanto, a Deus são atribuídos apenas os Nomes que Ele mesmo atribuiu a Si: os 99 Nomes da revelação.

Mas, Ibn Arabi afirma que, em última análise, todos os nomes podem ser atribuídos a Deus, uma vez que tudo que existe é resultado de Seus Atos, da mesma forma que tudo é efeito e propriedade de Seus Nomes.

“Cada entidade tem um Nome divino específico que a contempla. O nome confere à entidade sua face específica, através da qual ela pode ser distinguida de qualquer outra entidade. As coisas são infinitas e assim, os nomes são também infinitos, uma vez que as relações surgem na existência temporal ao mesmo tempo em que cada coisa é criada. Os Nomes de Deus são infinitos, uma vez que se tornam conhecidos a partir daquilo que é engendrado neles. No entanto, os Nomes podem ser reduzidos a raízes finitas, que são as ‘Mães dos Nomes’ ou a ‘Presença dos Nomes.’ Cada realidade demanda que cada Nome que se torna manifesto possua uma realidade que o distingue dos demais Nomes. Essa realidade pela qual o Nome se torna distinto é o Nome *per se*; aquilo que é compartilhado [com outros nomes] não é o Nome.” (Ibn Arabi).

Assim, por um lado, o Nome necessariamente tem que ser revelado por Deus para que nós o utilizemos. Mas por outro, a natureza das coisas nos permite compreender que cada nome se refere a um Ato divino; e os Atos estão abraçados à Essência divina. Então Deus está presente em todas as coisas e é nomeado por elas. Assim, Ibn Arabi afirma que os nomes de todas as coisas devem, em última análise, ser atribuídos à Realidade Una que é a raiz, suporte e fonte de todas elas.

Ibn Arabi clarifica sua própria posição sobre os nomes das coisas engendradas em um contexto onde ele explica como o amante de Deus se aproxima Dele através de Seus Nomes. Nesse processo, os amigos de Deus assumem Seus traços característicos à medida que a proximidade com Ele aumenta.

“Deus desvela a si mesmo ao amante nos nomes das coisas engendradas na existência e nos seus Mais Belos Nomes. Quando o amante assume as características dos Mais Belos Nomes [...] ele vê que todos os Nomes são Nomes de Deus. Mesmo o atributo de ‘servo’ não pertence a ele. Ao contrário, ele o assumiu como uma característica, da mesma forma que o fez com todos os Mais Nomes Belos. Ele atinge o conhecimento que, caminhar em direção a Ele, entrar em Sua proximidade e estar presente com Ele é possível apenas através de Seus Nomes e que os nomes das coisas são Seus Nomes. O ato de testemunhar isso corrige todos os erros prévios do amante, quando ele ainda diferenciava aquele que adora daquele que é adorado. Esta qualidade de testemunhar mostra que a raiz de todos os nomes atribuídos às coisas existentes pertence, na verdade, a Deus. Aplicados às criaturas, o nome é uma palavra sem significado, embora as criaturas o assumam como sua marca característica.” (Ibn Arabi).

⁶ A palavra “seja!” é citada aqui em referência à passagem das escrituras onde se diz que Deus teria usado essa palavra como um comando, e a partir dela, o universo veio à criação.

Causas Secundárias

O termo “causas secundárias” é utilizado por Ibn Arabi em alguns contextos importantes. Geralmente, ele distingue as causas secundárias das primárias, sugerindo que as secundárias seriam as causas aparentes, enquanto que as primárias seriam as causas reais, atribuídas exclusivamente a Deus. Especialmente quando utilizado no plural, esse termo é usado para se referir às coisas existentes em geral, a todos os fenômenos que, segundo sua visão, são formas externas de realidades invisíveis. Assim, Ibn Arabi introduz esse termo para se referir aos elementos constituintes fundamentais do universo.

As causas secundárias são importantes porque apontam para os Nomes de Deus, através dos quais nós podemos conhecê-Lo. Sem elas, não teríamos acesso a Ele. Portanto, fica claro que esse termo é empregado por Ibn Arabi como outro nome para as coisas existentes ou para os Atos divinos. No entanto, o termo implica claramente que há algo oculto da visão, uma vez que as causas secundárias ocultam a Primeira Causa. Portanto, o termo é usado quase como um sinônimo para “formas” – uma palavra que sempre implica na existência de *significados* por trás delas – e para “véus”, ou seja, para as coisas em si. No sentido, a realidade é composta por formas aparentes que nos impedem de ver a Deus, muito embora elas também nos alertem para o fato que Deus está oculto por trás delas.

Assim, as causas secundárias tanto podem atuar como véus ou como meios de acesso à presença divina, dependendo para isso, do estado daquele que as observa. “Deus estabeleceu as causas secundárias e as fez como véus. Portanto, as causas secundárias conduzem a todos que sabem que elas são véus, de volta para Ele. Porém, a todos os que as tomam como seus senhores, elas servem de bloqueio.” (Ibn Arabi)

O termo “causas secundárias” é fundamental na obra de Ibn Arabi, pois ele o relaciona com uma ideia expressa no Corão que afirma que “Vocês são os pobres (ou os que necessitam) de Deus – e Ele é o Independente (ou o Rico), ou o Digno de Louvor.” Segundo Ibn Arabi, a pobreza ou a necessidade por Ele é um atributo intrínseco ao ser humano, que não pode ser negligenciado. No entanto, quando consideramos as necessidades do ser humano, vemos que somos pobres ou necessitados de várias coisas, tais como, comida, água, abrigo e outras causas secundárias. Porém, essas necessidades podem ser consideradas extrínsecas ou acidentais, pois intrínseca e essencialmente, somos necessitados apenas de Deus. Porém, de fato, quando temos necessidade pelas causas secundárias, temos necessidade por Deus, uma vez que, como dito acima, as formas externas são apenas véus que escondem as realidades divinas, ou melhor, vários Nomes que Ele assume para mostrar a Si mesmo às Suas criaturas.

Apesar de esse ponto parecer apenas uma questão filosófica, ele na verdade, fundamenta muito dos aspectos pragmáticos da visão de Ibn Arabi. Ele está intimamente conectado com a ideia da “adoração inerente” que é propriedade de todas as coisas, em contraposição à “adoração acidental” que os seres humanos fazem quando seguem alguma religião. Ou seja, a adoração não seria uma atividade feita de vez em quando de forma ritualística, mas sim um estado permanente de ser. Tudo que se encontra ao redor do ser humano que possui esse estado de ser, é percebido através de sua forma externa, mas também, de sua forma interna que consiste na própria Presença divina e assim, tudo se torna foco constante de adoração.

“Deus disse: ‘Oh povo, vocês são os pobres em relação a Deus.’ Ao se referir às pessoas dessa forma, Deus nomeia a Si mesmo por todo o nome atribuído a qualquer coisa em relação à qual exista a pobreza. Isto pode ser compreendido como um ciúme divino de tal forma que ninguém seja pobre, senão em relação a Ele. A Ele pertence o nome de cada coisa nomeada em relação à qual existe a pobreza, seja mineral, vegetal, animal, humano, angelical, celestial,

ou qualquer outra coisa à qual o nome seja aplicado. Portanto, Ele é nomeado por qualquer nome que seja atribuído a qualquer coisa no universo. [...] Assim, os nomes das coisas são os Nomes de Deus, e nós O chamamos quando nos dirigimos a elas. No entanto, esse chamado é feito por nosso estado e não por nossas palavras.” (Ibn Arabi).

Assim, essa relação de pobreza em relação às coisas é definida pela qualidade do estado de ser de cada um, e está longe de ser algo menosprezado. Na verdade, Ibn Arabi considera isso como sendo o estado permanente do Homem Perfeito (*insan al-kamil*). Ele diferencia o estado divino de independência de todas as coisas do estado humano, de dependência. Como a citação do Corão diz, apenas Deus é independente de tudo, mas o homem perfeito atinge o estado onde ele é independente em relação a tudo, mesmo sendo dependente de tudo. Ou seja, apesar de necessitar das coisas existentes como qualquer outro homem, ele está, em última análise, livre da dependência delas, uma vez que ele é necessário, fundamentalmente, apenas de Deus. Assim, tudo para ele se torna uma manifestação dos Nomes divinos e é apenas desses Nomes que ele realmente necessita.

“O nível divino mais alto se torna manifesto no homem perfeito, e o nível mais elevado é este de independência de todas as coisas. Mas esse nível é apropriado apenas a Deus, em relação a Sua Essência. Assim, o nível mais elevado torna-se o de independência em relação a todas as coisas; ou, se você preferir, chame-o de ‘pobreza em relação a todas as coisas.’ Esse é o nível do homem perfeito, pois tudo foi criado para ele e para o seu bem, uma vez que Deus sabia de sua necessidade em relação a todas as coisas. Assim, ele [o homem] não é independente de nada. [...] Mas, cada um deve ter necessidade por aquele em cujas mãos está a realização da necessidade, ou seja, por Deus, apenas. Consequentemente, Deus tem que mostrar a Si Mesmo para este homem perfeito na forma de todas as coisas. Desse modo, Deus entrega-se a ele através da forma das coisas em relação às quais ele é necessário, e que subsistem apenas devido a Deus. [...] Assim, fica claro que é Ele que se mostra nas formas das causas secundárias, e que as causas secundárias – que são as formas – são nada mais que um véu sobre Ele.”(ibn Arabi).

Considerações finais

Apesar de o texto acima discutir principalmente os aspectos filosóficos da visão de Ibn Arabi acerca dos Nomes Divinos, fica claro que deve ser buscado também, a aplicação desses aspectos de forma prática.

Duas das técnicas básicas desenvolvidas para se trabalhar com os Nomes consistem nas práticas chamadas de *zikr* (recordação) e *fikr* (contemplação). O *zikr* é feito geralmente em reuniões comunais (apesar de poder ser feito também individualmente), e ao longo do processo, é apresentada uma sequência de Nomes que devem ser repetidos por todos. Como o próprio nome diz, a ideia geral consiste em *recordar* os Nomes divinos. Em estágios mais iniciais, o *zikr* consiste apenas em repetir as palavras (ou, os ‘nomes dos Nomes’ de acordo com o texto acima), ao mesmo tempo em que se trabalha a atenção no sentido de focalizá-la apenas na repetição. Algumas escolas utilizam processos respiratórios ou movimentos corporais que podem ser utilizados para auxiliar no processo de atenção à repetição. No entanto, com o aprofundamento da prática, a ‘palavra’ deve ser entoada buscando invocar a presença da qualidade que o Nome indica. Assim, ao se repetir, por exemplo, o atributo O Misericordioso (*al-rahman*) o praticante deve invocar a presença dessa qualidade ou atributo, e sentir que de certa forma, essa qualidade está por trás da criação como um todo. Como discutido no texto acima, cada Atributo invocado deve ser sentido como sendo o suporte da realidade, aquilo que a mantém viva e existindo.

Já o *fikr* (contemplação) consiste numa prática que é feita em grupo ou individualmente e busca, basicamente, induzir uma reflexão não exatamente sobre os Atributos, mas sobre seus efeitos. No *fikr*, medita-se sobre as manifestações da realidade, na busca por tornar esses véus que encobrem “a realidade por trás da realidade” mais transparentes. Sugere-se que não se deve meditar sobre os Nomes em si, pois eles são realidades divinas que justificam a si mesmas e que não são passíveis de serem totalmente compreendidas pelo ser humano. Mas seus efeitos e suas manifestações, estas sim, devem ser objetos de reflexão profunda.

Além dessas duas práticas mais diretamente associadas ao trabalho com os Nomes divinos, as escolas sugerem outras práticas que visam, de forma geral, modificar a apreensão e relação que se tem da realidade. O objetivo básico é aprofundar a visão que se tem do mundo, buscando uma integração com aspectos mais abrangentes e essenciais da vida. Os estados de ser que o ser humano pode alcançar são praticamente infinitos. Ele aperfeiçoa a si mesmo ao assimilar em si os Atributos, percebendo a expressão constante deles ao seu redor. Na medida em que ele é capaz de se relacionar com a presença e manifestação desses Nomes na realidade, ele pode se tornar o espelho que reflete a própria perfeição divina, e este é o papel do homem perfeito. Como o texto diz, Deus conhece a Si através do conhecimento que Ele tem da criação. Porém esse conhecimento tem que ser de alguma forma, devolvido para Ele. E esse papel cabe a tudo o que é criado, porém ao homem perfeito cabe o papel mais nobre. Apenas ele, ao contemplar as realidades ocultas por trás dos véus da criação, é capaz de se tornar os olhos através dos quais Deus contempla a Si mesmo.

Leituras complementares

Sufismo: <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/sufismo.pdf>

Ibn Arabi e sua Escola: http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/biogr_ibnarabi.pdf

Zikr (recordação): <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/zikr.pdf>

Nafs (eu, self): <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/nafs.pdf>

Latifas (órgãos de percepção sutil): <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/latifas.pdf>

Fikr (contemplação): <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade/fikr.pdf>

Autoria: <http://www.imagomundi.com.br/>